

Sobre a língua portuguesa do século XVII. Estudos realizados e trabalhos em curso¹

EVELINA VERDELHO
(Universidade de Coimbra)

Estando há algum tempo empenhada em editar e estudar textos em língua portuguesa do século XVII, tenho procurado obter notícia de estudos já efectuados, inéditos e publicados, bem como de trabalhos em curso, sobre o português do tempo do Padre António Vieira e D. Francisco Manuel de Melo. Esta pesquisa não foi ainda encerrada, faltando nomeadamente “explorar” de modo exaustivo fontes de suporte informático, que actualmente os investigadores têm, ou devem ter, à sua disposição. Embora esteja consciente de que, no universo da investigação científica, nem sempre quem dá o que tem a mais não é obrigado, proponho-me neste ensejo expor os principais elementos informativos que já coligi, esperando que possam ser úteis a quem tenha interesse em estar documentado sobre a língua portuguesa de Seiscentos, e em especial a quem esteja a iniciar algum estudo.

A confinação dos dados presentes à centúria seiscentista não significa – supérfluo será dizê-lo – que entenda que a periodização da língua se faz pelo recorte dos séculos; corresponde apenas a um factor circunstancial, ou seja, a conveniência de dispor de materiais informativos que acompanhem cronologicamente os textos que pretendo editar e estudar.

Com este trabalho gostaria de trazer um complemento, ainda que singelo, a registos bibliográficos anteriormente publicados, entre os quais quero destacar a *Bibliografia selectiva da língua portuguesa*, de José de Azevedo Ferreira (FERREIRA, 1989)².

I. Estudos realizados

1. Ortografia

Pronunciando-se acerca da bibliografia existente sobre a ortografia do português, o Prof. Paul Teyssier, não há muito, afirmou: «pour le XVII^e siècle elle est presque nulle (...)» (TEYSSIER, 1994, 153).

Com efeito, a bibliografia relativa à ortografia deste período tem estado limitada a raros estudos de algumas obras ortográficas seiscentistas, como o de Eurico Gama, aliás muito breve (GAMA, 1967), e o de José Lemos Monteiro (MONTEIRO, 1992), respectivamente sobre a *Ortografia*, de João Franco Barreto, e sobre o volume de título idêntico, de Álvaro Ferreira da Vera. Um confronto, não aprofundado, de propostas da obra de Franco Barreto com as da *Ortografia* de Duarte Nunes de Leão, encontra-se na dissertação de licenciatura elaborada há cerca de cinquenta anos por Maria Lídia da Costa Pereira (PEREIRA, 1948).

Em data recente, esta área recebeu um contributo de grande importância da *Historiografia gramatical*, de Simão Cardoso (CARDOSO, 1994). Esta publicação repertoria, certamente perto da exaustividade, o texto metalinguístico histórico português, de 1500 a 1920, oferecendo em particular a listagem mais completa que se conhece de manuscritos e impressos seiscentistas de teor ortográfico (ortografias e outros textos, designadamente gramáticas). A indicação de uns e outros é completada, em mais de 90% dos casos, com a localização dos exemplares, anotando-se as respectivas cotas.

Prestação muito válida foi também dada pelo estudo de Rolf Kemmler, *Esboço para uma história da ortografia portuguesa*, que visa «contribuir para um melhor conhecimento do texto metaortográfico histórico da língua portuguesa» (KEMMLER, 1996, VII). Além do levantamento das principais publicações ortográficas do século XVII – incluído no levantamento geral, desde o século XVI até à reforma ortográfica de 1911 – R. Kemmler faz a descrição bibliográfica de cada uma, constantemente fundamentada na observação das obras, e expõe informações minuciosas acerca das edições que delas se imprimiram até aos nossos dias. Refere ainda as soluções ortográficas e as definições que os respectivos autores propõem para «ortografia», «letra» e «alfabeto».

Trabalhos como os dois que se acabam de nomear fornecem apoios valiosos ao estudo sistemático, ainda por cumprir, das doutrinas ortográficas do período em referência, e do valor documental do texto metalinguístico histórico relativamente à língua portuguesa seiscentista, em especial sobre a sua realização no plano fónico.

Os usos ortográficos do século XVII, praticados em textos manuscritos e impressos, nomeadamente de prosadores e poetas consagrados, constituem um sector em que é notória a carência de investigação. Sobre tal matéria tem-se contado apenas com observações genéricas, facultadas sobretudo por obras de âmbito geral, como a *História da língua portuguesa*, de Paul Teyssier (TEYSSIER, 1984). Recentemente, verificou-se uma ruptura muito positiva desta situação, com a apresentação das dissertações de Maria Teresa Montes Izco, *Estudo de variantes do poema «Fílis e Demofonte», de António da Fonseca Soares* (MONTES IZCO, 1996), e de Rita Marquilhas, *A Faculdade das letras. Leitura e escrita em Portugal no século XVII* (MARQUILHAS, 1997). Na primeira, comparam-se as variações de ortografia observadas em vários apógrafos da tradição manuscrita do referido poema, o que contribui, com o estudo de variações de outra natureza, para esclarecer questões de crítica textual. Na segunda, analisam-se práticas de escrita documentadas por textos incluídos em processos da Inquisição, redigidos por

indivíduos de instrução reduzida, o que permite, por exemplo, obter informações de grande interesse sobre factos do plano fónico (veja-se I. 2.).

2. Fonética e fonologia

No que concerne a fonética e fonologia da língua portuguesa de Seiscentos, o seu conhecimento tem estado em grande dependência de estudos de maior alcance cronológico, como os seguintes: I. S. Révah, "L' évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours" (RÉVAH, 1958, 387-399); *idem*, "Comment et jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVI^e- XVII^e siècle" (RÉVAH, 1959, 273-291); J. G. Herculano de Carvalho, "Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona" (CARVALHO, 1969, 75-103. Neste último estudo, o A. comenta opiniões expostas por I. S. Révah nos dois anteriores, e apresenta uma proposta de interpretação coerente – fundamentada em testemunhos de gramáticos, ortógrafos, usos ortográficos, e também de «variedades modernas do português, incluindo [...] falares crioulos» – do valor fónico e fonológico representado pelos mencionados grafemas entre os séculos XVI e XVIII; propõe também uma descrição do «inventário e estrutura dos sistemas vocálicos tónico e átono do português no século XVIII», admitindo que «muito provavelmente seriam idênticos aos do século XVI» (*ob. cit.*, 77 e 79).

Também abrangem a fonética e fonologia do português de Seiscentos publicações de estudo global da língua portuguesa, entre as quais merece menção a já referida *História da língua portuguesa*, da autoria do Prof. Paul Teyssier. Esta obra consagra o capítulo III a «O português europeu (do séc. XIV aos nossos dias)» (TEYSSIER, 1984, 35-74). Em uma alínea deste capítulo, o A. aponta e analisa factos do plano fónico, que se inclina a situar no século XVII: começo da monotongação do *ou* a [o] (*ob. cit.*, 52-53), e da passagem de [tʃ] a [ʃ] (*ob. cit.*, 53-54). Além disso, releva outros factos do mesmo plano, relativos à evolução do português, que admite terem-se observado num período que inclui este século: pronúncia chiante de *s* e *z* implosivos, que situa entre o século XVI e os meados do século XVIII, segundo a mais provável de duas hipóteses (*ob. cit.*, 55); «redução» das vogais átonas [e] e [o] em posição pretónica e final (*ob. cit.*, 56-63). É de rigor notar que o Prof. Paul Teyssier distingue a evolução sofrida por cada uma das vogais - [e] e [o] - em posições diferentes (pretónica e final), e que é apenas em relação à pronúncia fechada do [o] pretónico que refere um testemunho da segunda metade do século XVII (uma gramática para ensino da língua portuguesa a franceses) (*ob. cit.*, 61).

A *História da língua portuguesa*, de Paul Teyssier, serve de guia – tal como na obra se explicita – à exposição que se encontra no *Curso de história da língua portuguesa*, elaborado por Ivo Castro, com a colaboração de Rita Marquilhas e J. León Acosta, sobre a evolução «do português clássico ao português setecentista» (CASTRO, I., 1991, 256-259). Depois de salientar «todos os elementos da estrutura fonológica que sofreram mudança» entre os séculos XVI-XVIII (*ob. cit.*, 256), bem como as «atestações cronológicas» indicadas por Paul Teyssier, o *Curso* traz à colação a opinião de alguns autores que, diversamente do que se verificou com

o mencionado Professor francês, sustentaram que algumas alterações teriam decorrido antes do início do século XVII (é o caso da monotongação de *ou*), ou só no século XIX («palatalização das fricativas /s/ e /z/ em posição implosiva») (*ob. cit.*, 257-259).

Sobre a cronologia de evoluções acima referidas, novos e importantes dados foram propiciados pela dissertação de doutoramento de Rita Marquilhas, atrás indicada, em particular no capítulo IV, intitulado “Mãos inábeis nos arquivos da Inquisição”. Através da análise das grafias de textos vindos de pessoas que dispunham de um acesso muito rudimentar à escrita, a A. teve a possibilidade de antecipar a datação de alguns fenómenos fonológicos. É de desejar que se efectuem outros estudos semelhantes, para se obter uma visão mais precisa do modo como falavam, ao longo do século XVII, os portugueses de diversas regiões e de diversas condições sócio-culturais.

3. Morfologia e sintaxe

As informações que obtive até ao presente sobre estas áreas são escassas. Tenho de me limitar, por isso, a referir que, no conjunto dos elementos já colectados, a maior parte das análises registadas, relativas à morfologia e sintaxe da língua portuguesa seiscentista, integram e / ou derivam de estudos de estilo de escritores desse período. Ao mencionar posteriormente alguns desses estudos, deixarei geralmente assinalados aspectos morfológicos e sintácticos neles focados (ver adiante, I. 5.).

Não é de esquecer que filólogos como Manuel Said Ali, na *Gramática histórica da língua portuguesa* (ALI, 1971) e Augusto Epifânio da Silva Dias, na *Sintaxe histórica portuguesa* (DIAS, 1970), desenvolvem e documentam as suas observações utilizando *corpora* que, em parte significativa, pertencem a poetas e prosadores do século XVII.

No quadro da Linguística actual, tenho conhecimento de um trabalho recente, centrado sobre as preposições, de Maria do Céu Brás da Fonseca, intitulado “Le Système des monèmes fonctionnels: essai d’analyse synchronique dans un corpus portugais du XVII^e siècle” (FONSECA, M. C.).

4. Léxico

Neste âmbito, em termos quantitativos, avultam os glossários de textos literários, em alguns casos denominados «índices» pelos seus autores. Como sucede com glossários (e índices) relativos a outros períodos, no que toca aos do século XVII, essas designações foram atribuídas a listagens de materiais lexicais que têm em comum serem registos não exaustivos do vocabulário dos textos a que se referem, e decorrerem, por via de regra, da preparação de novas edições, que geralmente acompanham. Divergem todavia bastante entre si no tipo, quantidade e valor de informações fornecidas. Assim, alguns – a maior parte – constam de formas ou vocábulos seleccionados dos textos, seguidos de informações acerca do respectivo significado; outros não passam de simples listas de formas ou de vocábulos com indicação do lugar de ocorrência; outros ainda reúnem esclarecimentos e comentários diversos (por ex., etimológicos,

semânticos). Dessas listagens se distinguem algumas outras, invariavelmente denominadas índices, que se caracterizam pelo registo exaustivo e quantificado do vocabulário de determinado texto ou conjunto de textos. Farei a seguir referência a glossários e índices de diferentes modalidades, bem como a alguns estudos de léxico.

Entre os glossários e índices seiscentistas, contam-se vários de obras de D. Francisco Manuel de Melo, dos quais destaco:

– “Índice das palavras mais notáveis do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintáctico, semântico” de *A Visita das fontes*. Foi publicado por Giacinto Manuppella, com a edição que este antigo Professor da Faculdade de Letras de Coimbra preparou do mencionado apólogo (MANUPPELLA, 1962, 627-660). A apresentação deste índice, acima citada, manifesta a variedade de informações que nele se encontra. As palavras registadas – mais rigorosamente as formas – são localizadas em relação ao manuscrito autógrafo que serviu de base à nova edição, o qual é reproduzido em *fac-simile*, e conservam a ortografia que aí possuem, o que não se verifica na nova leitura proposta.

– “Glossário” de *O Escritório avarento e Relógios falantes*. Foi publicado por Maria Judite Fernandes de Miranda, com as edições destes dois apólogos por si estabelecidas (MIRANDA, M. J., 1970, 360-377). Consiste em uma listagem de nomes próprios e de nomes comuns, acompanhados de «notas interpretativas», constituídas sobretudo por elementos informativos sobre o que as palavras significam e designam. Indica o lugar de ocorrência dos nomes.

– “Glossário” da *Carta de guia de casados*, publicado por Edgar Prestage, com a sua leitura da obra (PRESTAGE, 1954, 132-135). Trata-se de uma listagem de vocábulos somente seguida de explicações sumárias de significado.

– “Glossário” de *O Fidalgo aprendiz*, organizado por António Corrêa de A. Oliveira, para aparecer juntamente com a sua leitura da farsa (OLIVEIRA, A., 1958, 101-103). Além das formas seleccionadas, contém apenas a respectiva referência localizadora. O esquematismo deste glossário deve-se por certo a que o editor optou por transmitir informações sobre o significado dos vocábulos em notas, aliás numerosas, de fim de página.

Sobre o léxico de D. Francisco Manuel de Melo, há ainda que relevar o trabalho elaborado como dissertação de licenciatura por Maria Fernanda Gorjão Bacelar de Oliveira. Com base no registo e quantificação exaustivos das formas de *O Fidalgo aprendiz*, efectuados manualmente a partir da 2ª edição de António Corrêa de A. Oliveira (OLIVEIRA, M. F., 1973), a A. apresentou vários índices do vocabulário desta farsa: índice alfabético do vocabulário e concordâncias, índice dos vocábulos por frequência decrescente e índice de vocábulos por categorias gramaticais.

Alguns aspectos do vocabulário da mesma peça (por ex., carácter popular e arcaico) foram comentados em um artigo de José Pereira Tavares, bem como outros aspectos da linguagem da obra (TAVARES, 1941, 347-357).

Outros glossários de textos seiscentistas:

– “Glossário de textos” de literatura autonomista do século XVII. Foi elaborado por Maria Luísa Lemos, baseando-se na leitura, que fixou, de dois textos

seiscentistas – *Do grande e aparatoso recebimento que a nobre cidade de Évora fez ao ... Duque de Bragança ... no mês de Agosto de 1635, e Das tribulações que afligiram o reino de Portugal no ano de 1637* (LEMOS, 1985 e 1992). As formas registadas vêm acompanhadas de abundantes notas filológicas, que contêm comentários sobre: ocorrência em outros textos (nomeadamente quinhentistas); carácter arcaico, popular e regional; particularidades ortográficas, fonéticas, sintácticas e semânticas.

– “Glossário” de composições de Frei Lucas de Santa Catarina, escritas, pelo menos em parte, em 1690, e editadas por Graça Almeida Rodrigues, em *Literatura e sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina (1660-1740)* (RODRIGUES, 1983, 267-282). Ao apresentar este glossário, a A. declarou que ele nada mais visa «que indicar pistas para a interpretação dos textos». Em estrita correspondência com tal intuito, as palavras são listadas, não por ordem alfabética, como é habitual, mas antes pelo lugar de ocorrência no presente volume, o que dificulta consultas do glossário não motivadas pelos textos editados.

– “Glossário” de *A Preciosa de Soror Maria do Céu*. Segue-se à leitura do texto referido, preparada e trazida a público por Ana Hatherly, com base em um manuscrito do fim do século XVII (HATHERLY, 1990, CXXXIV, 315-319). Consta apenas do registo das palavras que a editora considerou «actualmente menos comuns», acompanhadas de informações relativas ao seu significado. Este glossário foi por certo organizado para facilitar a compreensão e fruição do texto, principalmente a leitores pouco familiarizados com a língua portuguesa seiscentista. A resolução de algumas dúvidas, suscitadas por formas e significações registadas (por ex., *curiosidade, naja, sidra*), está prejudicada pela circunstância de não se referir o lugar de ocorrência das formas.

– “Glossário e elucidário do «Lampadário de Cristal»”, e “Glossário e elucidário do «Cancioneiro do Lampadário»”, apresentados por Ana Hatherly, juntamente com a edição da famosa composição de Baía e de uma colecção de outros poemas sobre o mesmo tema, de diversa autoria (HATHERLY, 1991, 99-115, 158-159). Trata-se de listas de palavras, entre elas grande número de topónimos e antropónimos, a que a A. anexa informações linguísticas (significado de nomes comuns) e histórico-culturais.

Há ainda a notar um pequeno conjunto de estudos de vocabulário, apresentados como dissertações de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e que têm como característica comum recorrerem ao sistema de conceitos proposto por Rudolf Hallig e Walter von Wartburg para servir de base a trabalhos de lexicologia. Tenho conhecimento dos seguintes: Celeste Menina Morgado, *Subsídios para o estudo da linguagem parenética do Padre António Vieira* (MORGADO, 1956); Maria Celeste Naré Moreira, *Dois poemas de Jerónimo Baía. Estudo comparativo do seu vocabulário* (MOREIRA, 1959); Ivo José de Castro, *Frei Jerónimo Baía. Edição crítica de 6 poemas e estudo de vocabulário* (CASTRO, I., 1969). Entre todos distingue-se o referido em último lugar, a vários títulos. Depois da edição crítica dos poemas do Poeta beneditino, escolhidos por serem representativos de estilos particulares do Autor, Ivo Castro desenvolve um estudo do

léxico das composições, «susceptível de servir como amostra do léxico da poesia de Baía» (*ob. cit.*, 116). Tomando como referência o mencionado sistema conceptual, na versão de 1963, que adaptou aos objectivos do seu trabalho, analisa o vocabulário de Baía em relação a dois aspectos principais – riqueza e frequência. Ivo Castro apresenta depois o vocabulário organizado pelo referido sistema conceptual, um índice de termos gramaticais, um índice dos 160 vocábulos mais frequentes e um índice geral do vocabulário ordenado alfabeticamente, com indicação da localização nos poemas e da sua frequência.

Outros estudos de que tenho notícia foram feitos sobre o vocabulário de Manuel Bernardes, por Artur Neto Gonçalves, que também estudou a frase do mesmo Autor (GONÇALVES, 1965), Nicanor Miranda (MIRANDA, M., 1962), e de António Vieira, por Joseph van den Besselaar (BESSELAAR, 1974/75, 222-246).

Sublinho que se encontram muitos comentários ao vocabulário de obras literárias do século XVII em algumas das edições que têm vindo a ser publicadas, incluídos em notas colocadas sob os textos, ou depois deles. Assim acontece, por exemplo, na edição da *Epanáfora amorosa*, de D. Francisco Manuel de Melo, devida a José Manuel de Castro (CASTRO, J. M., 1975?), e mais recentemente, na edição de *Corte na aldeia*, de Rodrigues Lobo, publicada pelo Prof. José Adriano de Carvalho (CARVALHO, J. A., 1991). O mesmo se verifica em estudos de história e crítica literária. Observa-se também em estudos estilísticos, que passo a referir.

5. Estilo

Como já se vê pelo que ficou antes notado, no estudo da língua portuguesa do século XVII privilegiou-se a linguagem literária, e em especial o estilo de escritores e de obras literárias. Foram realizados numerosos estudos estilísticos, o que se relaciona desde logo com a importância e significado atribuídos a autores de Seiscentos, sobretudo prosadores, tais como António Vieira, D. Francisco Manuel de Melo e Manuel Bernardes. Além disso, este facto acompanha e manifesta o desenvolvimento da Estilística literária, e a influência exercida durante algumas décadas, em particular na investigação universitária, por autores como Leo Spitzer, Helmut Hatzfeld e Dámaso Alonso (ver a este respeito, BELCHIOR, 1971, designadamente “Ao Leitor”, VII-XV).

À cabeça das publicações de âmbito geral a mencionar, ocorre *Góngora y la poesía portuguesa del siglo XVII*, de José Ares Montes, publicado há quarenta anos, e que ainda hoje se lê com proveito (ARES MONTES, 1956). Após uma parte inicial, com notas biobibliográficas sobre os poetas portugueses de Seiscentos que considerou gongoristas, o A. dedica a parte central e mais extensa do volume à caracterização da linguagem desses poetas (*ob. cit.*, 119-326). Depois de algumas reflexões sobre o bilinguismo luso-castelhano das suas obras, extrai exemplos de cultismos lexicais e de cultismos sintácticos. De outras matérias de que trata subsequentemente, distingo o emprego de certas fórmulas (por ex., «se bem que», «não, mas», «pouco ... muito»).

Entre a bibliografia sobre a literatura portuguesa do período em referência, sobressai, como é sabido, a obra do Prof. Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva,

Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa (SILVA, 1971). No contexto do presente trabalho, há a relevar o elevado interesse do cap. VI, "Estilo e formas da lírica maneirista", e sobretudo do cap. VIII, "Linguagem e estilo da lírica barroca" (*ob. cit.*, 325-395, 469-500).

Um dos primeiros e mais marcantes estudos de estilo centrados sobre um autor seiscentista é oferecido por *Frei António das Chagas. Um homem e um estilo do séc. XVII*, de Maria de Lourdes Belchior Pontes (PONTES, 1953). No cap. X, "Do estilo", a A. destaca particularidades do estilo corriqueiro (por ex., castelhanismos, plebeísmos, "chocarrices", diminutivos, fórmulas interjectivas) e do estilo culto do Poeta (por ex., vocábulos "brilhantes e estéticos", imagens, metáforas). Analisa também aspectos estilísticos do Prosador (por ex., em *Cartas espirituais*, construção da frase, acumulações, superlativação, terminologia ascético-mística, linguagem militar, popularismos, jogos de palavras) (*ob. cit.*, 398-442).

A mesma Professora, em *Itinerário poético de Rodrigues Lobo*, estudou vários aspectos estilísticos das églogas, novelas e romanceiro do mencionado autor (PONTES, 1959). Designadamente, no «Livro I», cap. III, aborda o emprego de conceitos e rifões nas églogas, questionando-se sobre as razões desse uso. No cap. VI da mesma secção, depois de ter apresentado uma listagem dos substantivos mais frequentes das composições bucólicas de Rodrigues Lobo, confronta esse vocabulário com o correspondente de Camões, Frei Agostinho da Cruz, Bernardim Ribeiro e Diogo Bernardes, e procede à sua análise (*ob. cit.*, 47-61, 97-108).

Em artigo posterior, "Poesia e mística: Frei Agostinho da Cruz", a Prof.^a Maria de Lourdes Belchior pesquisou, contabilizou e interpretou o vocabulário de um trecho da "Écloga II" do autor nomeado, com o propósito de descobrir o mundo experienciado pelo lírico e frade capuchinho (ver BELCHIOR, 1971, 58-68).

O autor do século XVII que mais estudos de estilo motivou foi certamente o Padre António Vieira. Alguns exemplos: Paulo Durão, "Um Processo estilístico de Vieira" (DURÃO, 1951); Maria Isabel Paula Saraiva, "Análise estilística de um sermão do Padre António Vieira" (SARAIVA, 1961). Entre todos os estudos, distingue-se *Les Sermons de Vieira. Étude du style*, de Raymond Cantel (CANTEL, 1959). Nesta publicação, o A. examinou com grande rigor, minúcia e clareza diferentes aspectos estilísticos que dizem respeito ao vocabulário, a factos gramaticais, à frase, a figuras de palavras e «figuras de pensamento», e a imagens. Na impossibilidade de aqui se deixar uma descrição completa do riquíssimo conteúdo da obra de Raymond Cantel, anota-se a título ilustrativo que, sobre o vocabulário, no primeiro dos sete capítulos que dedica a esta matéria, o A. analisou o emprego de arcaísmos e de neologismos; quanto a estes últimos, apontou os seguintes casos: latinismos, neologismos por extensão semântica; substantivos formados sobre nome próprio e por utilização de palavras de outra categoria gramatical; criações por derivação e composição prefixal; criações puras; empréstimos a línguas estrangeiras, nomeadamente espanhol e italiano (*ob. cit.*, 53-91).

Mais próximo de nós do que a publicação precedente é, de João David Pinto Correia, *Luz e Calor do Padre Manuel Bernardes* (CORREIA, 1978). A III Parte desta obra é constituída por quatro capítulos, intitulados como a seguir se refere: cap. IX, "Do estilo e da linguagem de Bernardes: o «escritor espiritual» e o «prosador seiscentista»"; cap. X, "Da «exposição» e da «argumentação»: a articulação do discurso"; cap. XI, "Da «intensificação»: aspectos estilísticos"; cap. XII, "Dos limites do discurso literário: a expressão do «inefável» em Manuel Bernardes". No decurso destes capítulos, João David Pinto Correia detém-se na dilucidação de características do estilo de Manuel Bernardes, concernentes ao vocabulário, à sintaxe e às imagens.

Resultantes, como o anterior, de investigação levada a cabo para apresentação de dissertação de licenciatura, são alguns trabalhos que, segundo creio, se têm conservado inéditos, disponíveis em bibliotecas universitárias. É o caso de *O Estilo da "Corte na aldeia"*, de João Daniel Marques Mendes (MENDES, J. D., 1952). Neste, o A. analisou o emprego de artigos, pronomes, nomes (o substantivo e o atributo; o desdobramento do nome, graus do adjetivo), verbo (tempos e modos; desdobramento do verbo; o aspecto verbal) e advérbio. Estudou ainda a construção da frase (o grupo sujeito-verbo; sujeito, verbo, nome predicativo), e do período (organização lógica; organização musical). É também o caso dos estudos de Maria Gabriela de Figueiredo, sobre as imagens em obras em prosa de D. Francisco Manuel de Melo - alegoria, comparação, metáfora, metonímia, personificação, e ainda jogos de palavras (FIGUEIREDO, 1958), e de Maria Odette Correia de Azevedo, sobre a ordem do sujeito e do predicado no mesmo Escritor, designadamente em frases interrogativas e intercaladas (AZEVEDO, 1963). Acusando embora limitações de vária ordem, estes trabalhos académicos não deixam de ser elementos de consulta com algum interesse, especialmente o que primeiro se indicou. O aproveitamento desses estudos, no entanto, é prejudicado - como acontece também com alguns outros anteriormente mencionados - pela ausência de índices pormenorizados de matérias e vocábulos. Afecta-os também o facto de o *corpus* analisado ser recolhido de edições estabelecidas segundo critérios que não correspondem às exigências da crítica textual actual.

Mais recentemente, têm vindo a público diversos estudos de autores e obras literárias seiscentistas portuguesas, em que perspectivas diferentes, como a Nova Retórica, a Poética e a análise do discurso - já de resto sensíveis no volume acima nomeado de João David Pinto Correia - tomam o lugar da Estilística, de maneira exclusiva, ou pelo menos predominante. Registo a este propósito a publicação de *A Oratória barroca de Vieira*, por Margarida Vieira Mendes (MENDES, M., 1989), *Para uma leitura intertextual de «Exercícios espirituais» do Padre Manuel Bernardes*, por Maria Lucília Gonçalves Pires (PIRES, 1980), e "O discurso de *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo - O Diálogo I", por Joaquim Fonseca (FONSECA, J., 1996).

II. Trabalhos em curso³

1. Ortografia, fonética e fonologia

Para o século XVII, não tenho notícia de estudos em desenvolvimento que visem directamente estas áreas. É de esperar, no entanto, que vários trabalhos – actualmente em diversas fases de realização, centrados sobre outras temáticas e/ou épocas subsequentes – tragam também informações que atinjam este período. É o caso, em especial, da dissertação de doutoramento que ultima Maria Filomena Gonçalves, docente da Universidade de Évora, sobre matéria ortográfica oitocentista. Expectativa semelhante motivam trabalhos concernentes, por ex., à preparação de edições de textos de diversa natureza (veja-se *infra*, 4.).

Encontram-se informações abundantes sobre obras ortográficas seiscentistas (e também quinhentistas e oitocentistas), em materiais elaborados por Adelina Angélica Pinto, com vista à apresentação de uma dissertação de doutoramento que, devido ao seu falecimento, não chegou a ser concluída. Estes materiais, que colegas desta malograda docente da Universidade de Coimbra pretendem divulgar, depois de algumas intervenções relativas à apresentação formal, estão à guarda da Doutora Maria José de Moura Santos, Investigadora Principal da mesma Universidade, que viabilizará a sua consulta a quem o solicitar.

2. Morfologia e sintaxe

Simão Cardoso, docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na “Nota prévia” da sua *Historiografia gramatical*, deixou escrito que tinha em elaboração uma tese de doutoramento «que estuda, numa perspectiva histórica, a morfo-sintaxe na gramática portuguesa (1536-1750)» (CARDOSO, 1994, 11).

Maria do Céu Brás da Fonseca, docente da Universidade de Évora, no âmbito da sua dissertação de doutoramento, sob orientação do Prof. Jorge de Moraes Barbosa, desenvolve um estudo sintáctico e axiológico de unidades funcionais na prosa narrativa portuguesa de D. Francisco Manuel de Melo.

3. Lexicologia e lexicografia

Helena Freire, docente da Escola Superior de Educação de Portalegre, começou a preparar uma dissertação de doutoramento sobre a *Prosódia*, de Bento Pereira (ed. de 1697), sob a orientação do Prof. Telmo Verdelho, tendo em vista trazer contributos a estes dois domínios.

Objectivos próximos assistem também ao registo informatizado dos seguintes textos, que está a ser efectuado por alunos do Mestrado em Estudos Portugueses, Seminário de Paradigmas da Crítica, regido pelo Professor da Universidade de Aveiro acima nomeado: *Adagiário*, de António Delicado; *Index totius artis*, de António Valdez; *Provérbios*, incluídos no *Tesouro da língua portuguesa*, de Bento Pereira; *Sentenças*, de Amaro de Roboredo.

Algumas das edições e as bases de dados que abaixo se referem (4. e 5.), entre as suas finalidades, incluem a de reunir materiais para estudos de lexicologia e lexicografia.

4. Edições e estudos de textos

Entre os trabalhos em curso de que tenho conhecimento, avulta a preparação de edições de textos seiscentistas, literários e outros. Indico a seguir o nome de investigadores que se dedicam a trabalhos de edição, bem como os textos de que se ocupam.

– José Miguel Carreira Amarelo, docente da Escola Superior de Educação da Guarda: “Os Livros das Visitações e Pastorais dos Bispos da Guarda” (1630-1720); a edição e estudos dos textos decorrem no âmbito da dissertação de doutoramento deste docente, em História da língua portuguesa, orientada pelo Prof. Amadeu Torres;

– Ana Paula Banza, docente da Universidade de Évora: texto do Padre António Vieira, relativo à defesa do Jesuíta perante a Inquisição; no âmbito da sua dissertação de doutoramento, orientada pelo Prof. Luiz Fagundes Duarte, A. P. Banza pretende trazer a público uma edição crítica de um texto de Vieira, transmitido por dois manuscritos, um dos quais se encontra inédito, e estudar o respectivo processo de construção textual; também tem em vista proceder ao estudo da “scripta” do manuscrito que serve de base a esta edição;

– Maria do Céu Brás da Fonseca, docente da Universidade de Évora: *Discurso das partes que há-de haver na linguagem pera ser perfeita*, de Manuel Severim de Faria; a edição baseia-se num manuscrito datado de 1622;

– Maria Sofia Silva Santos: *Feira de anexins*, de D. Francisco Manuel de Melo; M. S. Silva Santos tem pronta uma edição crítica desta obra do Polígrafo seiscentista, que preparou como dissertação do Mestrado de Literatura e Cultura Portuguesa, Época Moderna, Seminário de Crítica Textual, com orientação do Prof. Luiz Fagundes Duarte, na Universidade Nova de Lisboa;

– Adelaide Saraiva, igualmente como aluna do Mestrado e do Seminário acima referidos, prepara uma edição crítica de poemas de Jacinto Freire de Andrade.

– Evelina Pereira da Silva Verdelho, investigadora da Universidade de Coimbra: edição crítica, com apresentação e notas, de toda a obra em verso, em língua portuguesa, de D. Francisco Manuel de Melo (*As Segundas três musas do Melodino*, incluindo *O Fidalgo aprendiz*).

O Prof. Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra, preside a uma equipa de investigadores, que tem como objectivo publicar uma edição crítica da obra do Padre António Vieira.

Uma outra equipa de docentes universitários de Lisboa, que não me é possível identificar com precisão, tem como projecto realizar uma edição crítica das três novelas pastoris de Rodrigues Lobo.

5. Bases de dados textuais e lexicais

No Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro está em elaboração um *corpus* de referência lexical, formado por textos lexicográficos e ideológicos dos séculos XVI, XVII e XVIII. Integram essa base de dados, entre vários outros textos, os que ficaram assinalados em II, 3.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra está também a constituir-se uma base de dados textuais e lexicais (LUSÓFILO). Esta base de dados está orientada preferencialmente para o século XVII, mas admite a inclusão de *corpora* do século XVI, como os que resultam da edição que publiquei do *Livro das obras de Garcia de Resende*, e do século XVIII, por exemplo, derivados da edição crítica da obra da Marquesa de Alorna, em que colaboro. Até este momento os materiais textuais e lexicais mais volumosos são provenientes do registo informatizado de textos da edição crítica das obras poéticas de D. Francisco de Manuel de Melo, que pretendo levar a cabo, e de outros textos, em prosa, do mesmo autor. A curto prazo pretende-se registar também textos não literários. Têm participado na implementação desta base Maria José de Moura Santos que, com a sua conhecida competência, tem assumido a direcção científica da mesma, e Maria Luísa Seabra de Azevedo.

Das notícias coligidas resulta a impressão de que a língua portuguesa do século XVII, embora tenha sido focada por maior número de estudos do que se poderia julgar, não suscitou no passado, salvo em alguns casos, quase todos de recente data, o desenvolvimento de investigação organizada e detida, nem sequer a publicação de edições fidedignas em número minimamente satisfatório, apesar da consagração antiga de muitos escritores que viveram nesse século. De acordo com o Prof. Ivo Castro, essa é a situação geral observada com o «português clássico» que, como notou, tem merecido aos investigadores uma atenção bem menor do que o português medieval. Esperemos que os estudos em curso representem uma mudança de perspectiva, e constituam afinal o trabalho de raiz e diversificado que, segundo o mesmo Professor, é necessário empreender para se ampliar o conhecimento da língua portuguesa posterior a meados do século XVI (CASTRO, I., 1996, principalmente 136-137).

NOTAS

- ¹ O presente trabalho resulta da reelaboração da comunicação apresentada no "XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística" (Braga, Universidade do Minho, 30 de Setembro a 2 de Outubro, 1996) com o título *Sobre o estudo e o estado da língua portuguesa do século XVII*. Ao rever o texto para publicação, pareceu-me preferível - até por limitações de paginação - imprimir apenas a primeira parte dessa comunicação, referindo e completando informações que não foi possível nem oportuno expor oralmente no referido Encontro, e reservar para outro momento a matéria relativa ao "estado" da língua no século XVII.
- ² O Tempo, que para alguns de nós acaba tão incompreensivelmente cedo, frustrou o aparecimento de uma nova edição, acrescentada, da *Bibliografia selectiva*, que José de Azevedo Ferreira pretendeu publicar. Por certo, como esta perdemos muitas outras obras que o labor intenso, constante e inteligente deste Investigador haveria de acrescentar às diversas e excelentes publicações que nos deixou - juntamente com a lembrança da sua Humanidade exemplar.
- ³ Agradeço muito reconhecidamente, pela informação de trabalhos, próprios ou alheios, já realizados ou em curso, a José Miguel Carreira Amarelo, Carlos Costa Assunção, Ana Paula Banza, Ivo Castro, Luiz Fagundes Duarte, Maria do Céu Fonseca, Maria Filomena Gonçalves e Rita Marquilhas.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, Manuel Said (1971) - *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Académica.
- ARES MONTES, José (1956) - *Góngora y la poesía portuguesa del siglo XVII*. Madrid, Gredos.
- AZEVEDO, Maria Odette Correia de (1963) - *Contribuição para o estudo do estilo de D. Francisco Manuel de Melo (Ordem do sujeito e predicado)*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes (1971) - *Os Homens e os livros*. Lisboa, Verbo. Cf. "Ao Leitor" e "Poesia e mística: Frei Agostinho da Cruz", p. VII-XV, 39-71.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes - Ver também: PONTES, Maria de Lourdes Belchior
- BESSELAAR, Joseph van den (1974/75) - "Acheegas para o estudo lexicológico da obra vieiriana". Münster, Sep. de *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte*, vol.13, p. 222-246.
- CANTEL, Raymond (1959) - *Les Sermons de Vieira. Étude du style*. Paris, Ediciones Hispano-Americanas.
- CARDOSO, Simão (1994) - *Historiografia gramatical (1500-1920). Língua portuguesa - Autores portugueses*. Compilação e organização de [...]. Porto, Faculdade de Letras.
- CARVALHO, José Adriano de (1991) - "Notas" em fim de página a: Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na aldeia*, Lisboa, Editorial Presença.
- CARVALHO, J. Gonçalo Herculano de (1966) - "Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas e e o em sílaba átona", *Estudos Linguísticos*, 2ª t., Coimbra, Atlântida, p. 77-103.
- CASTRO, Ivo (1991) - *Curso de história da língua portuguesa*. Colaboração de Rita Marquilhas e J. León Acosta. Lisboa, Universidade Aberta, p. 256-259.
- (1996) - "Para uma história do português clássico", *Congresso Internacional sobre o Português (Lisboa, 11 a 15 de Abril de 1994)*, *Actas*, orgs. por Inês Duarte e Isabel Leiria, vol. II, Lisboa, A. P. L. e Edições Colibri, p. 135-150.
- CASTRO, Ivo José de (1969) - *Frei Jerónimo Baía. Edição crítica de 6 poemas e estudo de vocabulário*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CASTRO, José Manuel de (1975 ?) - "Notas filológicas", *Descobrimento da Ilha da Madeira, ano de 1420. Epanáfora amorosa (...)* por D. Francisco Manuel de Melo. Lisboa, Distr. Livraria Ler, p. 125-186.
- CORREIA, João David Pinto (1978) - *Luz e calor do Padre Manuel Bernardes. Estrutura e discurso. Contribuição para o estudo da prosa literária do século XVII*. Coimbra, Livraria Almedina.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva (1970) - *Sintaxe histórica portuguesa*. 5ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- DURÃO, Paulo (1951) - "Um Processo estilístico de Vieira", *Brotéria*, 52, p. 662- 668.
- FERREIRA, José de Azevedo (1989) - *Bibliografia selectiva da língua portuguesa*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- FIGUEIREDO, R. S. D., Maria Gabriela de (1958) - *As Imagens em D. Francisco Manuel de Melo. Contribuição para um estudo estilístico da sua prosa*. Dissertação para o exame de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FONSECA, Joaquim (1996) - "O discurso de *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo - O Diálogo I", *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, «Línguas e literaturas», vol. XIII, p. 87-45.
- FONSECA, Maria do Céu Brás da (1995) - "Le Système des monèmes fonctionnels: essai d'analyse synchronique dans un corpus portugais du XVII^e siècle". Comunicação apresentada no "XX^o Colóquio de Linguística Funcional", Liège. Entregue para publicação nas respectivas *Actas* (no prelo).
- GAMA, Eurico (1967) - *Curiosidades linguísticas. A Ortografia da língua portuguesa de João Franco Barreto*. Sep. da *Revista de Portugal*, Série A - Língua Portuguesa, vol. XXXII, p.101-109.
- GONÇALVES, Artur Neto (1965) - *O Vocabulário e a frase na «Nova Floresta» do P. Manuel Bernardes*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- HATHERLY, Ana (1990) - "Glossário", *A Preciosa de Sórora Maria do Céu*. Edição actualizada do Códice 3773 da Biblioteca Nacional de Lisboa, precedida de um estudo histórico. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 315- 319.

- (1991) - "Glossário e elucidário do «Lampadário de Cristal»", e «Glossário e elucidário do «Cancioneiro do lapidário»", *Lampadário de Cristal de Frei Jerónimo Baía*. Lisboa, Editorial Comunicação, p. 99-115, 158-159.
- KEMMLER, Rolf (1996) - *Esboço para uma história da ortografia portuguesa. O texto metaortográfico e a periodização da ortografia, do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911*. Dissertação de Mestrado, inédita, apresentada à Neuphilologische Fakultät der Eberhard-Karls-Universität Tübingen.
- LEMOS, Maria Luísa (1985) - *A Literatura autonomista no século XVII, através do códice 29 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Separata do *Bol. Bibl. Univ. Coimbra*, vol. 40, 1985.
- (1992) - *A Literatura autonomista no século XVII. Glossário dos textos*. Coimbra. Separata do *Bol. Bibl. Univ. Coimbra*, vol. 41, 1992, p. 105-190.
- MANUPPELLA, Giacinto (1962) - "Índice das palavras mais notáveis do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico". Incluído na ed. de *A Visita das fontes*. Coimbra, por Ordem da Universidade, p. 627-660.
- MARQUII.HAS, Rita (1997) - *A Faculdade das letras. Leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- MENDES, João Daniel Marques (1952) - *O Estilo da "Corte na aldeia". Contribuição para o estudo do estilo de Francisco Rodrigues Lobo*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MENDES, Margarida Vieira (1989) - *A Oratória barroca de Vieira*. Lisboa, Editorial Caminho.
- MIRANDA, Maria Judite Fernandes de (1970) - "Glossário" de *O Escritório avarento. Apólogo dialogal segundo, Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 22, p. 360-377.
- MIRANDA, Nicanor (1962) - *O Vocabulário do Padre Manuel Bernardes*. S. Paulo, Prefeitura do Município de S. Paulo.
- MONTEIRO, José Lemos (1992) - "A Ortografia de Álvaro Ferreira da Vera", *Verba. Anuario Galego de Filologia*, vol. 19, Santiago de Compostela, p. 79-94.
- MONTES IZCO, Maria Teresa (1996) - *Estudo de variantes do poema «Filis e Demofonte», de António da Fonseca Soares*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Sevilha.
- MOREIRA, Maria Celeste Naré (1959) - *Dois poemas de Jerónimo Baía. Estudo comparativo do seu vocabulário*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MORGADO, Celeste Menina (1956) - *Subsídios para o estudo da linguagem parenética do Padre António Vieira*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- OLIVEIRA, António Corrêa de A. (1958) - "Glossário", *O Fidalgo aprendiz*, 2ª ed., Lisboa, Clássica Editora, p. 101-103.
- OLIVEIRA, Maria Fernanda Gorjão Bacelar de (1973) - *Problemas de análise lexicológica (índices e concordâncias do vocabulário de «O Fidalgo aprendiz»)*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, Maria Lídia da Costa (1948) - *A Ortografia portuguesa nos séculos XVI e XVII*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves (1980) - *Para uma leitura intertextual de «Exercícios espirituais» do Padre Manuel Bernardes*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- PONTES, Maria de Lourdes Belchior (1953) - *Frei António das Chagas. Um homem e um estilo do séc. XVII*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- (1959) - *Itinerário poético de Rodrigues Lobo*. Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2ª ed., fac-similada, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.
- PRESTAGE, Edgar (1954) - "Glossário". Incluído na ed. da *Carta de guia de casados*. Lisboa, Nova edição de Álvaro Pinto, "Ocidente", p.133-135.
- RÉVAH, I.-S. (1958) - "L' évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours", *Anais do primeiro congresso brasileiro de língua falada no teatro (Bahia, 1956)*, Rio de Janeiro, p. 387-399. Posteriormente incluído em *Études portugaises*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, p.1-13.

- RÉVAH, I.-S. (1959) - "Comment et jusqu' à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVI^e-XVII^e siècles ?", *Actas do III Colóquio internacional de estudos luso-brasileiros* (Lisboa, 1957), Lisboa, I, p. 273-291.
- RODRIGUES, Graça Almeida (1983) - "Glossário", *Literatura e sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina (1660-1740)*. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, p. 267-282.
- SARAIVA, Maria Isabel Paula (1961) - "Análise estilística de um sermão do Padre António Vieira", *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, II, Lisboa, p. 161-175.
- SILVA, Vitor Manuel Pires de Aguiar e (1971) - *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, caps. VI e VIII.
- TAVARES, José Pereira (1941) - "Subsídio para a interpretação e edição definitiva de «O Fidalgo aprendiz»", *Liceus de Portugal*, Lisboa, nº 5, Fevereiro, p. 347-357.
- TEYSSIER, Paul (1994) - "Graphétique et graphématique", *Lexicon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, vol. VI, 2, Tübingen, Max Niemeyer, 1994, p.148-160.
- (1984) - *História da língua portuguesa*. 2^a ed., Lisboa, Sá da Costa.